

Povos Indígenas no Brasil

Fonte UESP

Class.: 711

Data 14/10/84

Pg.:

Sertanista revela desvio da Funai

Diante dos últimos acontecimentos em Bauru, o sertanista e delegado da Funai em Porto Velho, Apoena Meirelles, fez ontem duras críticas ao órgão, acusando de ser um "grande blefe" a sua "propalada" abertura. Para Apoena, a fundação visa, na verdade, a "iludir as verdadeiras lideranças indígenas e a opinião pública com objetivos político-demagógicos". O sertanista ainda acusou o deputado Mário Juruna de estar apoiando a atual administração da Funai, porque seus "interesses pessoais foram atendidos". Segundo Apoena, Juruna conseguiu emprego para parentes seus na fundação.

"Tudo não passa de um grande engodo", declarou, acrescentando que os líderes indígenas e ex-contestadores da Funai "acalmaram-se nas mordomias do poder em Brasília". E eles só voltarão a criticar a fundação quando "voltar a política de se atender qualquer índio".

"Essa é a verdadeira história da abertura da Funai", afirmou, "uma farsa da qual me recuso a participar". O sertanista denunciou que "estão corrompendo o índio com poder e cargos" e isso, em sua opinião, vai resultar na anulação de verdadeiros líderes indígenas, que poderiam estar nas aldeias cuidando de suas comunidades.

Segundo Apoena Meirelles, o deputado Mário Juruna — "que sempre se mostrou um crítico permanente da Funai" — está apoiando a atual administração porque sua mulher foi contratada como secretária da fundação, em Brasília, e tem um filho e mais quatro sobrinhos exercendo funções na delegacia de Barra do Garça. Para esconder "desmandos"

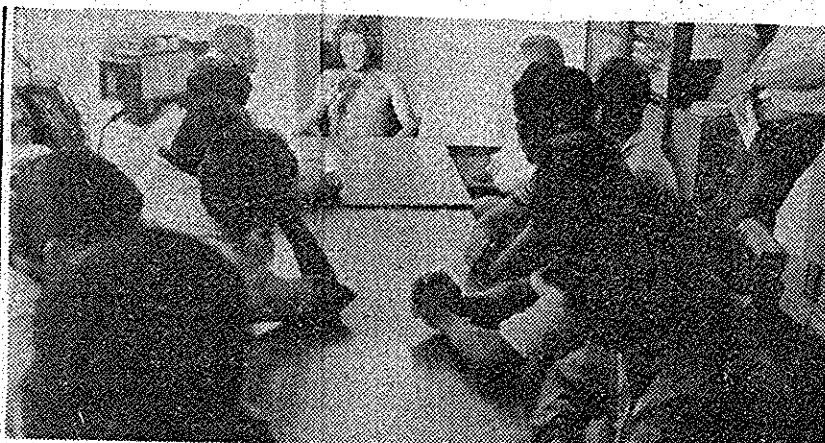
como estes — "feitos para atender e silenciar seus ex-críticos" —, os boletins da Funai hoje são restritos aos diretores, quando desde o início sempre circularam entre todos os funcionários, denunciou ainda o sertanista.

"Lamento profundamente, sem mágoas, mas com imensa tristeza, que a oportunidade dada a esses críticos da Funai tenha sido aproveitada de forma tão desonesta, uma verdadeira traição à causa do índio". Para Apoena, em função desta situação, não existe uma liderança indígena a nível nacional: "Todos representam grupos e facções e convivem com contradições internas tribais muito grandes". O episódio em Bauru, segundo ele, deixou isso bem claro. "O futuro próximo mostrará o quanto esta irresponsabilidade na condução da política indigenista será de difícil solução."

Referindo-se à declaração do presidente da Funai, Jurandy Fonseca, de que o movimento em Bauru é "subversivo", Apoena afirmou que quem está "subvertendo a ordem" é ele, "de uma forma irresponsável, vendendo uma falsa imagem da Funai e conseguindo a adesão e o silêncio dos índios e ex-funcionários, que anteriormente criticavam o órgão, colocando-os em funções gratificadas e em Brasília". E mandou um recado direto a Jurandy Fonseca: "Ele não deveria esquecer que muitos de seus atuais assessores, como Cláudio Romero, foram acusados de ter criado o episódio do Xingu" (quando os índios mantiveram funcionários da fundação como reféns). "Eles não foram punidos, mas promovidos", disse Apoena, acrescentando: "Jamais pensei que pessoas que se diziam defensoras dos interesses indígenas pudessem ceder tão facilmente às delícias do poder".

O tratamento que está sendo dado ao índio não é o mesmo defendido por Apoena Meirelles, que tem 35 anos e está há 15 na Funai. Há apenas quatro meses ocupa o cargo de delegado em Porto Velho — do qual pediu demissão por desentendimentos com a fundação, reassumindo depois. Para ele, "ser amigo do índio não é só dizer sim. É preciso ter coragem e dignidade também para dizer não, porque ele tem direitos e deveres".

Apoena demonstra tranquilidade quanto a uma eventual represália a suas declarações: "Não desejaria sair, mas, se o preço for esse, não me intimido. A verdade tinha de ser dita e nesse momento está sendo muito difícil para mim fugir a esta responsabilidade".



Tensos, os índios mantêm a ocupação do prédio

Foto Jair Aceituno

Mais protestos contra extinção da delegacia

BAURU
AGÊNCIA ESTADO

A extinção da 12ª Delegacia Regional da Funai, em Bauru, continua causando protestos de políticos da região, e o ex-delegado Alvaro Villas-Boas mostrou-se bastante irritado com a declaração de Jurandy da Fonseca de que os funcionários é que insuflaram os índios e teriam, assim, agido para desestabilizá-lo na presidência da Funai. "O único aqui em Bauru que quer desestabilizá-lo sou eu, porque acho que ele não tem competência", disse Villas-Boas.

Villas-Boas salientou também que quando exercia o cargo de delegado não incentivou nem desestimulou os índios a irem para Bauru de nenhum jeito, isto é, que pegassem conduções dos postos indígenas. E justificou que não cometeu irregularidades, já que em Brasília e em outras regiões "eles vivem para cima e para baixo de avião e, mesmo sem terra, por exemplo, os tratores dos xavantes, equipados com carretas, são utilizados somente para passear, e não trabalhar".

Os índios, por sua vez, continuam nervosos. Era mais um dia de indecisão e, por isso, pediram à imprensa que transmitisse ao ministro Mário Andreazza novo apelo, "pelo amor de Deus", para atendê-los e resolver seus problemas. O cacique Mário Jacinto disse que o propósito de todos é permanecer ali até quando for necessário. Com os índios, há crianças, e outros poderão vir das

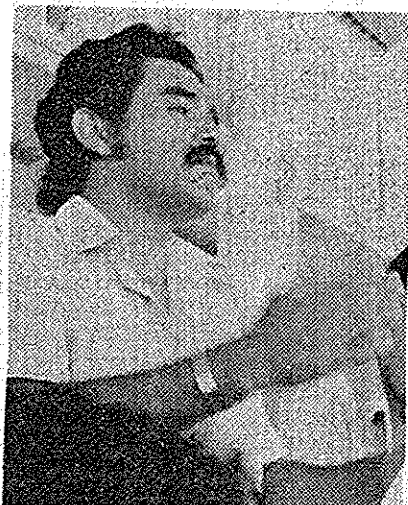
aldeias: "Até uns dois mil se precisarem", ressaltou Jacinto.

Entre os funcionários havia também indecisão, pois não se sabia exatamente quem estava demitido. A Funai não fez nenhuma comunicação oficial aos funcionários, mas a maioria lembrava que não podem ser sumariamente dispensados como anunciou Jurandy da Fonseca. O advogado da delegacia, Luiz Celso de Barro, um dos demitidos, afirmou que os funcionários são protegidos pelo Estatuto do Funcionalismo Público Federal, podendo ser demitidos somente por justa causa e depois de processo administrativo, caso contrário basta impetrar mandado de segurança para ser reintegrado.

Para o prefeito de Bauru, José Gualberto Martins Angerami, que disse não ser contrário nem favorável à permanência de Villas-Boas no cargo, a demissão deu-se de forma indevida sem nenhuma comunicação prévia aos índios, e frisou ser uma "perda para Bauru que não estamos dispostos a aceitar".

TUPI-GUARANI

O porta-voz da comunidade indígena tupi-guarani, Adão Irapuita Brasil, afirmou ontem que "cerca de 95% dos índios do Litoral são contra a recondução do sertanista Alvaro Villas-Boas à frente da delegacia da Funai, com a justificativa de que, se ele não fez nada em 20 anos, não será agora que vai fazer alguma coisa. A única coisa que Villas-Boas fazia era fornecer cachaça aos índios".



Apoena Meirelles

Arquivo